

As armas de Aquiles: a disputa da inteligência contra a força

Antônio de Pádua Pacheco*

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância do discurso pautado na *métis* quando comparado com aquele discurso pautado na ausência da *métis*, quando se leva em consideração os discursos apresentados por Odisseus e por Ajax assim como apresentados por Ovídio em suas *Metamorfoses*, quando disputavam os heróis as armas de Aquiles.

Palavras-chave: *métis, discurso, força, armas.*

Abstract

This article have goal analyse the importance of speech ruled in *metis* when compared with speech ruled in absence of *metis*, when take along consideration the speeches presented for Odysseus and Ajax as presented for Ovidium in the *Metamorphosis*, when dispute the heroes the *guns of Achilles*.

Keywords: *metis, speech, force, guns.*

* Mestre em História Social pela FFLCH-USP (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-Universidade de São Paulo).

1. Introdução

O que levaria dois grandes heróis da Guerra de Troia a travarem tão acirrada disputa por armas que nem sequer conseguiram proteger seu portador? Por não terem realizado seu objetivo primário, estas armas não seriam elas mesmas inúteis para quem quer que fosse?

Tal argumento cai por terra quando se observa que tais armas foram objeto de disputa acirrada por parte de dois grandes heróis vencedores da Guerra de Troia. Estes heróis são nada mais nada menos do que Odisseus, o herói cuja principal característica era o uso de maneira muito apropriada da *métis*¹, a principal característica da deusa Atena, do titã Prometeu, de outro personagem famoso, Sísifo, só para ficar com alguns exemplos; e Ájax, o guerreiro, que, após Aquiles, era um dos melhores dos aqueus na planície troiana durante a guerra. Ájax portava um escudo torre, cuja principal característica era proteger o seu portador de forma completa, deixando ao inimigo pouquíssimas aberturas para eventuais ataques.

Se as armas de Aquiles fossem incapazes de proteger o seu portador, então não seria justificada a acirrada disputa perpetrada por estes dois grandes heróis, dado que Aquiles ainda estaria vivo e ainda seria capaz de ele mesmo portar sua armadura. Esta disputa acabou por gerar consequências desastrosas não só para Ájax, como também para outros habitantes do acampamento grego.

Neste passo é importante mencionar algumas informações importantes. São três informações relevantes. A primeira diz respeito às armas propriamente ditas (escudo, elmo, couraça etc.); a segunda diz respeito às armas de Aquiles; a terceira é uma informação substancial: quem era Aquiles.

Por levar grandes heróis da Guerra de Troia a uma disputa de tão grande acirramento, as armas, ou melhor: a armadura dos guerreiros possuía não só o valor em si, representado pela proteção do corpo do guerreiro, mas também um valor simbólico muito grande no que diz respeito ao valor guerreiro, no que diz respeito à importância do guerreiro que está ou estava usando a armadura. Para os antigos gregos,

¹ Bailly, A. Le grand dictionnaire grec français. Paris: Hachette, 2000, p. 1279. A palavra $\mu\eta\tau\iota\varsigma$ sendo traduzida por: sabedoria, prudência, astúcia, artifício. Pereira, I. S. J. Dicionário grego-português e português-grego. 8ª ed. Braga: A.I, 1990, p. 373. A palavra $\mu\eta\tau\iota\varsigma$ sendo traduzida por: sabedoria, prudência, astúcia, artifício, perfídia.

o ato de despojar as armas do guerreiro morto tinha um valor simbólico imenso; dizia respeito ao fato de se ter vencido, sobrepujado em combate singular outro guerreiro de igual valor para as tropas inimigas. Para o vencedor isso traria glória, traria fama imorredoura. Para o perdedor, isto traria desonra, e, no caso da fama, uma fama invertida, negativa. Assim, quanto maior o valor guerreiro de um combatente tanto maior seria sua fama. Vencer este guerreiro em combate singular tornaria o vencedor muito mais famoso e merecedor de honrarias imensuráveis. Destarte, eram muito comuns acirrados combates em torno dos cadáveres de grandes guerreiros; uns lutando para defender o cadáver e suas armas, para retornar com eles para o seu acampamento; outros lutando para despojar o cadáver de suas armas e exibir a armadura como troféu para seus pares. Para um guerreiro vencido, ficar com o corpo abandonado poderia significar a perda do γέρας (marca de honra rendida a um morto),² o que o levaria a perder sua bela morte (καλὸς θάνατος), um ideal de morte muito valorizado pelos heróis dos poemas homéricos.³ Estes dois conceitos, como se pode observar, têm importância fulcral no que diz respeito aos discursos dos dois grandes heróis em questão. Logo se percebe que eles não estavam apenas travando uma batalha discursiva em torno de simples armas, de uma reles armadura. A disputa não se encerrava apenas na ideia subjacente de que ali havia uma armadura muito importante por ter sido usada por Aquiles, o maior dos aqueus, ou porque a armadura havia sido forjada pelas mãos do deus Hefesto. Somados a estes fatos supracitados havia ainda as ideias subjacentes por trás dos conceitos de *privilegio honorífico e de bela morte*, ambos ligados diretamente à posse de tais armas.

Neste passo, a segunda das informações. As armas de Aquiles possuíam um valor todo especial. Isto se dava porque estas armas não eram armas comuns, elas haviam sido forjadas pelo deus Hefesto. Portanto, eram armas divinas. Esta armadura fora forjada pelo deus Hefesto a pedido da mãe de Aquiles, a deusa Tétis, quando Aquiles, por ter confiado sua outra armadura, aquela que ele portava quando chegara à planície de Troia, fora despojada do cadáver de Pátroclo, o melhor amigo de

² Cf. BAILLY, *op. cit.*, p. 398. Esta palavra traz ainda os significados seguintes: **presente feito em sinal de honra; honra, prerrogativa, privilégio honorífico.**

³ A **bela morte** (καλὸς θάνατος) é um ideal guerreiro inconfundível nos poemas homéricos, principalmente na *Ilíada* que lida com o tema da guerra e da morte. Este ideal pode ser definido como a morte de um herói que goza de plena virilidade, coragem e juventude; uma morte em combate; uma morte valorosa. Sobre o ideal da bela morte, cf. VERNANT, Jean-Pierre. *L'individu, la mort, l'amour*. Paris: Gallimard, 1989, pp. 41-42.

Aquiles, após este ser vencido por Heitor em combate singular. Assim, Aquiles, por este infeliz acaso, havia ficado sem sua armadura e, ao retornar aos combates após imensa ausência, ele precisava de novas armas. Daí a importância substancial de tais armas para vários heróis gregos e heróis troianos durante as refregas no campo de batalhas troiano.

Neste passo, a terceira informação. Aquiles era filho de Peleu (um mortal) e de Tétis (uma deusa). Segundo um oráculo muito antigo, o filho de Tétis estava destinado a superar o próprio pai em fama e honra e valor guerreiro. Por esta razão, os deuses evitaram núpcias com a deusa Tétis entre pares e acabaram por fazer com que a deusa desposasse um mortal. Aquiles, enquanto filho de um mortal, herdou deste as qualidades de um mortal. A deusa, sabedora da mortalidade do filho, tentou evitar tal destino a todo custo, mas apenas conseguiu que Aquiles ficasse invulnerável ao ser banhado nas águas do rio Estige. Aquiles também estava com seu destino traçado. Um oráculo secular dizia que Aquiles tinha duas opções: morrer jovem, mas carregado de fama e glória e honra imorredoura ou morrer idoso, mas sem fama, sem glória e sem honra. O herói optou pela fama, portanto, por morrer jovem e no calor das batalhas. Quando Aquiles foi para a planície troiana, ele já estava ciente de seu destino, pois sua mãe já havia avisado. Devido a desavenças entre o grande herói e Agamêmnon, o comandante absoluto das tropas gregas na planície troiana, Aquiles se afastou do campo de batalhas e até ameaçou retornar para casa se não fosse restituída sua devida honra. Por este motivo, as armas que Aquiles portava quando ele chegou em Troia foram cedidas para Pátroclo, o braço direito de Aquiles em Troia. Contudo, a armadura que Pátroclo usava quando enfrentou Heitor em combate singular, aquela que era de Aquiles, não o protegeu e foi despojada por Heitor, que passou a utilizar tal armadura. Exatamente por este motivo, a morte de Pátroclo, é que Aquiles retornou para o campo de batalhas e, ao mesmo tempo, retornou ao caminho de seu destino. Aquiles morreu antes mesmo da conquista da cidade de Troia. Após a morte de Aquiles, as armas do grande herói foram disputadas por Odisseus e Ájax. Estes dois heróis acreditavam serem dignos o bastante para tomarem posse das armas de Aquiles e de portarem tais armas. Devido a este enredo é que os dois grandes heróis disputam as armas. E necessitam de juízes para fazer o julgamento, para determinar qual dos dois é o herói cuja honra, a glória e a fama concedem a ele o potencial para ostentar as armas de Aquiles. Os dois heróis tecem discursos eloquentes. Cabe aos juízes decidirem. Cabe aos heróis convencerem os juízes. Neste passo, é importante analisar os discursos em si para verificar qual é o grau de merecimento de cada herói.

1.2 Para a *métis* mais elaborada o prêmio

A *métis* perpassa praticamente toda a mitologia grega. Várias são as histórias lendárias sobre os deuses e os heróis gregos nas quais a *métis*, ou melhor, os combates que envolvem a *métis* aparecem de maneira percuciente. Podem ser citadas a disputa entre a Esfinge e Édipo, a disputa entre Zeus e Prometeu, a disputa entre Atena e Posídon entre outras. No caso em questão, a disputa a ser tratada é aquela que se deu entre Odisseus e Ájax, segundo a versão apresentada por Ovídio em suas *Metamorfoses*.

Embora muito antes de Ovídio o tema da disputa entre Odisseus e Ájax pelas armas de Aquiles já tivesse sido registrado, tanto em passagens dos poemas homéricos quanto em passagens de tragédias, o poeta latino teceu discursos razoavelmente extensos destes dois personagens, discursos estes que tinham por objetivo convencer os juízes, principalmente os Atridas, de que as armas em questão deveriam ser do herói cujo valor guerreiro mais tinha colaborado para as vitórias até então alcançadas pelos gregos. Ájax utilizou-se de um discurso que se enveredou para o lado das proezas guerreiras nas quais o uso da força foi de imensa valia; já Odisseus, por sua vez, enveredou o seu discurso pelo caminho da *métis*, caminho cuja astúcia vez por outra auxiliou o herói a alcançar vitórias para o exército grego.

O livro XIII das *Metamorfoses* é aquele no qual o poeta latino desenrola a trama, desenvolve os discursos referentes à disputa pelas armas de Aquiles. Do verso 1 até o verso 381, o autor põe de lados opostos os discursos de Ájax, herói do uso da força enquanto recurso guerreiro por excelência, assim como fora Aquiles, e aquele de Odisseus, herói do uso da inteligência, da estratégia enquanto recurso bélico por excelência, assim como faz a deusa Atena em oposição ao seu irmão, Ares. Embora extenso, torna-se necessário inserir as passagens do poema de Ovídio em sua íntegra, seguido de sua tradução.

Consedere	duces	et	vulgi	stante	corona
surgit	ad	hos	clipei	dominus	septemplicis
utque	erat	inpatiens	irae,	Sigeia	torvo
litora	respexit	classemque	in	litore	vultu
intendensque	manus	'agimus,	pro	Iuppiter!	inquit
					5
'ante	rates	causam,	et	mecum	confertur
at	non	Hectoreis	dubitavit	cedere	flammis,
quas	ego	sustinui,	quas	hac	a classe
tutius	est	igitur	fictis	contendere	verbis,
quam	pugnare	manu,	sed	nec mihi dicere	promptum,
					10
nec	facere	est	isti:	quantumque	ego
inque	acie	valeo,	tantum	valet	iste
nec	memoranda	tamen	vobis	mea	facta,
esse	reor:	vidistis	enim;	sua	narret
					Ulixes,

quae sine teste gerit, quorum nox conscia sola est! 15
 praemia magna peti fateor; sed demit honorem
 aemulus: Aiaci non est tenuisse superbum,
 sit licet hoc ingens, quicquid speravit Ulixes;
 iste tulit pretium iam nunc temptaminis huius,
 quod, cum victus erit, mecum certasse feretur. 20
 'Atque ego, si virtus in me dubitabilis esset,
 nobilitate potens essem, Telamone creatus,
 moenia qui forti Troiana sub Hercule cepit
 litoraque intravit Pagasaea Colcha carina;
 Aeacus huic pater est, qui iura silentibus illic 25
 reddit, ubi Aeoliden saxum grave Sisyphon urget;
 Aeacon agnoscit summus prolemque fatetur
 Iuppiter esse suam: sic a Iove tertius Ajax.
 nec tamen haec series in causam prosit, Achivi,
 si mihi cum magno non est communis Achille: 30
 frater erat, fraterna peto! quid sanguine cretus
 Sisyphio furtisque et fraude simillimus illi
 inseris Aeacidis alienae nomina gentis?
 'An quod in arma prior nulloque sub indice veni,
 arma neganda mihi, potiorque videbitur ille, 35
 ultima qui cepit detractavitque furore
 militiam ficto, donec sollertior isto
 sed sibi inutilior timidi commenta rexit
 Naupliades animi vitataque traxit ad arma?
 optima num sumat, quia sumere noluit ulla: 40
 nos inhonorati et donis patruelibus orbi,
 obtulimus quia nos ad prima pericula, simus?
 'Atque utinam aut verus furor ille, aut creditus esset,
 nec comes hic Phrygias umquam venisset ad arces
 hortator scelerum! non te, Poeantia proles, 45
 expositum Lemnos nostro cum crimine haberet!
 qui nunc, ut memorant, silvestribus abditus antris
 saxa moves gemitu Laertiadaeque precaris,
 quae meruit, quae, si di sunt, non vana precaris.
 et nunc ille eadem nobis iuratus in arma, 50
 heu! pars una ducum, quo successore sagittae
 Herculis utuntur, fractus morboque fameque
 velaturque aliturque avibus, volucresque petendo
 debita Troianis exercet spicula fatis.
 ille tamen vivit, quia non comitavit Ulixem; 55
 mallet et infelix Palamedes esse relictus,
 [viveret aut certe letum sine crimine haberet]
 quem male convicti nimium memor iste furoris
 prodere rem Danaam finxit fictumque probavit
 crimen et ostendit, quod iam praefoderat, aurum. 60
 ergo aut exilio vires subduxit Achivis,
 aut nece: sic pugnat, sic est metuendus Ulixes!
 'Qui licet eloquio fidum quoque Nestora vincat,
 haut tamen efficiet, desertum ut Nestora crimen
 esse rear nullum; qui cum inploraret Ulixem 65
 vulnere tardus equi fessusque senilibus annis,
 proditus a socio est; non haec mihi crimina fingi
 scit bene Tydides, qui nomine saepe vocatum
 corripuit trepidoque fugam exprobravit amico.

aspiciunt oculis superi mortalia iustis! 70
 en eget auxilio, qui non tulit, utque reliquit,
 sic linquendus erat: legem sibi dixerat ipse.
 conclamat socios: adsum videoque trementem
 pallentemque metu et trepidantem morte futura;
 opposui molem clipei texique iacentem 75
 servavique animam (minimum est hoc laudis) inertem.
 si perstas certare, locum redeamus in illum:
 redde hostem vulnusque tuum solitumque timorem
 post clipeumque late et mecum contende sub illo!
 at postquam eripui, cui standi vulnera vires 80
 non dederant, nullo tardatus vulnere fugit.
 'Hector adest secumque deos in proelia ducit,
 quaque ruit, non tu tantum terroris, Ulixee,
 sed fortes etiam: tantum trahit ille timoris.
 hunc ego sanguineae successu caedis ovantem 85
 eminus ingenti resupinum pondere fudi,
 hunc ego poscentem, cum quo concurreret, unus
 sustinui: sortemque meam vovistis, Achivi,
 et vestrae valere preces. si quaeritis huius
 fortunam pugnae, non sum superatus ab illo. 90
 ecce ferunt Troes ferrumque ignesque Iovemque
 in Danaas classes: ubi nunc facundus Ulixes?
 nempe ego mille meo protexi pectore puppes,
 spem vestri reditus: date pro tot navibus arma.
 'Quodsi vera licet mihi dicere, quaeritur istis 95
 quam mihi maior honos, coniunctaque gloria nostra est,
 atque Ajax armis, non Aiaci arma petuntur.
 conferat his Ithacus Rhesum inbellemque Dolona
 Priamidenque Helenum rapta cum Pallade captum:
 luce nihil gestum, nihil est Diomede remoto; 100
 si semel ista datis meritis tam vilibus arma,
 dividite, et pars sit maior Diomedis in illis.
 'Quo tamen haec Ithaco, qui clam, qui semper inermis
 rem gerit et furtis incautum decipit hostem?
 ipse nitor galeae claro radiantis ab auro 105
 insidias prodet manifestabitque latentem;
 sed neque Dulichius sub Achillis casside vertex
 pondera tanta feret, nec non onerosa gravisque
 Pelias hasta potest inbellibus esse lacertis,
 nec clipeus vasti caelatus imagine mundi 110
 conveniet timidae nataeque ad furta sinistrae:
 debilitaturum quid te petis, inprobe, munus,
 quod tibi si populi donaverit error Achivi,
 cur spolieris, erit, non, cur metuaris ab hoste,
 et fuga, qua sola cunctos, timidissime, vincis, 115
 tarda futura tibi est gestamina tanta trahenti?
 adde quod iste tuus, tam raro proelia passus,
 integer est clipeus; nostro, qui tela ferendo
 mille patet plagis, novus est successor habendus.
 'Denique (quid verbis opus est?) spectemur agendo! 120
 arma viri fortis medios mittantur in hostes:
 inde iubete peti et referentem ornate relatis.'
 Finierat Telamone satus, vulgique secutum
 ultima murmur erat, donec Laertius heros

adstitit atque oculos paulum tellure moratos 125
 sustulit ad proceres exspectatoque resolvit
 ora sono, neque abest facundis gratia dictis.
 'Si mea cum vestris valuissent vota, Pelasgi,
 non foret ambiguus tanti certaminis heres,
 tuque tuis armis, nos te poteremur, Achille, 130
 quem quoniam non aequa mihi vobisque negarunt
 fata,' (manuque simul veluti lacrimantia tersit
 lumina) 'quis magno melius succedat Achilli,
 quam per quem magnus Danais successit Achilles?
 huic modo ne prosit, quod, uti est, hebes esse videtur, 135
 neve mihi noceat, quod vobis semper, Achivi,
 profuit ingenium, meaque haec facundia, siqua est,
 quae nunc pro domino, pro vobis saepe locuta est,
 invidia careat, bona nec sua quisque recuset.
 'Nam genus et proavos et quae non fecimus ipsi, 140
 vix ea nostra voco, sed enim, quia rettulit Ajax
 esse Iovis pronepos, nostri quoque sanguinis auctor
 Iuppiter est, totidemque gradus distamus ab illo:
 nam mihi Laertes pater est, Arcesius illi,
 Iuppiter huic, neque in his quisquam damnatus et exul; 145
 est quoque per matrem Cyllenius addita nobis
 altera nobilitas: deus est in utroque parente.
 sed neque materno quod sum generosior ortu,
 nec mihi quod pater est fraterni sanguinis insons,
 proposita arma peto: meritis expendite causam, 150
 dummodo, quod fratres Telamon Peleusque fuerunt,
 Aiakis meritum non sit nec sanguinis ordo,
 sed virtutis honor spoliis quaeratur in istis!
 aut si proximitas primusque requiritur heres,
 est genitor Peleus, est Pyrrhus filius illi: 155
 quis locus Aiaci? Pthiam haec Scyrumve ferantur!
 nec minus est isto Teucer patruelis Achilli:
 num petit ille tamen? num, si petat, auferat illa?
 ergo, operum quoniam nudum certamen habetur,
 plura quidem feci, quam quae comprehendere dictis 160
 in promptu mihi sit, rerum tamen ordine ducar.
 'Praescia venturi genetrix Nereia leti
 dissimulat cultu natum, et deceperat omnes,
 in quibus Aiacem, sumptae fallacia vestis:
 arma ego femineis animum motura virilem 165
 mercibus inserui, neque adhuc proiecerat heros
 virgineos habitus, cum parmam hastamque tenenti
 "nate dea," dixi "tibi se peritura reservant
 Pergama! quid dubitas ingentem evertere Troiam?"
 iniecique manum fortemque ad fortia misi. 170
 ergo opera illius mea sunt: ego Telephon hasta
 pugnans domui, victum orantemque refeci;
 quod Thebae cecidere, meum est; me credite Lesbon,
 me Tenedon Chrysenque et Cillan, Apollinis urbes,
 et Scyrum cepisse; mea concussa putate 175
 procubuisse solo Lyrnesia moenia dextra,
 utque alios taceam, qui saevum perdere posset
 Hectors, nempe dedi: per me iacet inclitus Hector!
 illis haec armis, quibus est inventus Achilles,

arma peto: vivo dederam, post fata reposco. 180
 'Ut dolor unius Danaos pervenit ad omnes,
 Aulidaque Euboicam conplerunt mille carinae,
 exspectata diu, nulla aut contraria classi
 flamina erant, duraeque iubent Agamemnona sortes
 inmeritam saevae natam mactare Dianae. 185
 denegat hoc genitor divisque irascitur ipsis
 atque in rege tamen pater est, ego mite parentis
 ingenium verbis ad publica commoda verti:
 hanc equidem (fateor, fassoque ignoscat Atrides)
 difficilem tenui sub iniquo iudice causam. 190
 hunc tamen utilitas populi fraterque datique
 summa movet sceptri, laudem ut cum sanguine penset;
 mittor et ad matrem, quae non hortanda, sed astu
 decipienda fuit, quo si Telamonius isset,
 orba suis essent etiam nunc linthea ventis. 195
 'Mittor et Iliacas audax orator ad arces,
 visaque et intrata est altae mihi curia Troiae,
 plenaque adhuc erat illa viris; interritus egi
 quam mihi mandarat communem Graecia causam
 accusoque Parin praedamque Helenamque reposco 200
 et moveo Priamum Priamoque Antenora iunctum;
 at Paris et fratres et qui rapuere sub illo,
 vix tenuere manus (scis hoc, Menelae) nefandas,
 primaque lux nostri tecum fuit illa pericli.
 'Longa referre mora est, quae consilioque manuque 205
 utiliter feci spatiosi tempore belli.
 post acies primas urbis se moenibus hostes
 continuere diu, nec aperti copia Martis
 ulla fuit; decimo demum pugnavimus anno:
 quid facis interea, qui nil nisi proelia nosti? 210
 quis tuus usus erat? nam si mea facta requiris,
 hostibus insidior, fossa munimina cingo,
 consolor socios, ut longi taedia belli
 mente ferant placida, doceo, quo simus alendi
 armandique modo, mittor, quo postulat usus. 215
 'Ecce Iovis monitu deceptus imagine somni
 rex iubet incepti curam dimittere belli;
 ille potest auctore suam defendere vocem:
 non sinat hoc Ajax delendaque Pergama poscat,
 quodque potest, pugnet! cur non remoratur ituros? 220
 cur non arma capit, dat, quod vaga turba sequatur?
 non erat hoc nimium numquam nisi magna loquenti.
 quid, quod et ipse fugit? vidi, puduitque videre,
 cum tu terga dares inhonestaque vela parares;
 nec mora, "quid facitis? quae vos dementia" dixi 225
 "conciat, o socii, captam dimittere Troiam,
 quidque domum fertis decimo, nisi dedecus, anno?"
 talibus atque aliis, in quae dolor ipse disertum
 fecerat, aversos profuga de classe reduxi.
 convocat Atrides socios terrore paventes: 230
 nec Telamoniades etiamnunc hiscere quicquam
 audet, at ausus erat reges incessere dictis
 Thersites etiam, per me haut inpune protervis!
 erigor et trepidos cives exhortor in hostem

amissamque mea virtutem voce repono. 235
 tempore ab hoc, quodcumque potest fecisse videri
 fortiter iste, meum est, qui dantem terga retraxi.
 'Denique de Danais quis te laudatve petitve?
 at sua Tydides mecum communicat acta,
 me probat et socio semper confidit Ulixē. 240
 est aliquid, de tot Graiorum milibus unum
 a Diomede legi! nec me sors ire iubebat:
 sic tamen et spreto noctisque hostisque periclo
 ausum eadem, quae nos, Phrygia de gente Dolona
 interimo, non ante tamen, quam cuncta coegi 245
 prodere et edidici, quid perfida Troia pararet.
 omnia cognoram nec, quod specularer, habebam
 et iam promissa poteram cum laude reverti:
 haut contentus eo petii tentoria Rhēsi
 inque suis ipsum castris comitesque peremi 250
 atque ita captivo, victor votisque potitus,
 ingredior curru laetos imitante triumphos;
 cuius equos pretium pro nocte poposcerat hostis,
 arma negate mihi, fueritque benignior Aiax.
 quid Lycii referam Sarpedonis agmina ferro 255
 devastata meo? cum multo sanguine fudi
 Coeranon Iphitiden et Alastoraque Chromiumque
 Alcandrumque Haliumque Noemonaque Prytanique
 exitioque dedi cum Chersidamante Thoona
 et Charopem fatisque inmitibus Ennomon actum 260
 quique minus celebres nostra sub moenibus urbis
 procubuere manu. sunt et mihi vulnera, cives,
 ipso pulchra loco; nec vanis credite verbis,
 aspiciat! en' vestemque manu diduxit et 'haec sunt
 pectora semper' ait 'vestris exercita rebus! 265
 at nihil inpendit per tot Telamonius annos
 sanguinis in socios et habet sine vulnere corpus!
 'Quid tamen hoc refert, si se pro classe Pelasga
 arma tulisse refert contra Troasque Iovemque?
 confiteorque, tulit (neque enim benefacta maligne 270
 detractare meum est), sed ne communia solus
 occupet atque aliquem vobis quoque reddat honorem,
 reppulit Actorides sub imagine tutus Achillis
 Troas ab arsuris cum defensore carinis.
 ausum etiam Hectoreis solum concurrere telis 275
 se putat, oblitus regisque ducumque meique,
 nonus in officio et praelatus munere sortis.
 sed tamen eventus vestrae, fortissime, pugnae
 quis fuit? Hector abit violatus vulnere nullo!
 'Me miserum, quanto cogor meminisse dolore 280
 temporis illius, quo, Graium murus, Achilles
 procubuit! nec me lacrimae luctusque timorque
 tardarunt, quin corpus humo sublime referrem:
 his umeris, his inquam, umeris ego corpus Achillis
 et simul arma tuli, quae nunc quoque ferre laboro. 285
 sunt mihi, quae valeant in talia pondera, vires,
 est animus certe vestros sensurus honores:
 scilicet idcirco pro nato caerula mater
 ambitiosa suo fuit, ut caelestia dona,

artis opus tantae, rudis et sine pectore miles 290
 indueret? neque enim clipei caelamina novit,
 Oceanum et terras cumque alto sidera caelo
 Pleiadasque Hyadasque immunemque aequoris Arcton
 diversosque orbes nitidumque Orionis ense.
 [postulat, ut capiat, quae non intellegit, arma!] 295
 'Quid, quod me duri fugientem munera belli
 arguit incepto serum accessisse labori
 nec se magnanimo maledicere sentit Achilli?
 si simulasse vocas crimen, simulavimus ambo;
 si mora pro culpa est, ego sum maturior illo. 300
 me pia detinuit coniunx, pia mater Achillem,
 primaque sunt illis data tempora, cetera vobis:
 haut timeo, si iam nequeam defendere, crimen
 cum tanto commune viro: deprensus Ulixes
 ingenio tamen ille, at non Aiakis Ulixes. 305
 'Neve in me stolidae convicia fundere linguae
 admiremur eum, vobis quoque digna pudore
 obicit. an falso Palameden crimine turpe
 accusasse mihi, vobis damnasse decorum est?
 sed neque Naupliades facinus defendere tantum 310
 tamque patens valuit, nec vos audistis in illo
 crimina: vidistis, pretioque obiecta patebant.
 'Nec, Poeantiaden quod habet Vulcania Lemnos,
 esse reus merui (factum defendite vestrum!
 consensistis enim), nec me suasisse negabo, 315
 ut se subtraheret bellique viaeque labori
 temptaretque feros requie lenire dolores.
 paruit—et vivit! non haec sententia tantum
 fida, sed et felix, cum sit satis esse fidelem.
 quem quoniam vates delenda ad Pergama poscunt, 320
 ne mandate mihi! melius Telamonius ibit
 eloquioque virum morbis iraque furentem
 molliet aut aliqua producet callidus arte!
 ante retro Simois fluet et sine frondibus Ide
 stabit, et auxilium promittet Achaia Troiae, 325
 quam, cessante meo pro vestris pectore rebus,
 Aiakis stolidi Danais sollertia prosit.
 sis licet infestus sociis regique mihique
 dure Philoctete, licet exsecrere meumque
 devoveas sine fine caput cupiasque dolenti 330
 me tibi forte dari nostrumque haurire cruorem,
 utque tui mihi sit, fiat tibi copia nostri:
 te tamen adgrediar mecumque reducere nitar
 tamque tuis potiar (faveat Fortuna) sagittis,
 quam sum Dardanio, quem cepi, vate potitus, 335
 quam responsa deum Troianaque fata retexi,
 quam rapui Phrygiae signum penetrabile Minervae
 hostibus e mediis. et se mihi conferat Aiax?
 nempe capi Troiam prohibebant fata sine illo:
 fortis ubi est Aiax? ubi sunt ingentia magni 340
 verba viri? cur hic metuis? cur audet Ulixes
 ire per excubias et se committere nocti
 perque feros enses non tantum moenia Troum,
 verum etiam summas arces intrare suaque

eripere aede deam raptamque adferre per hostes? 345
 quae nisi fecissem, frustra Telamone creatus
 gestasset laeva taurorum tergora septem.
 illa nocte mihi Troiae victoria parta est:
 Pergama tunc vici, cum vinci posse coegi.
 'Desine Tydiden vultuque et murmure nobis 350
 ostentare meum: pars est sua laudis in illo!
 nec tu, cum socia clipeum pro classe tenebas,
 solus eras: tibi turba comes, mihi contigit unus.
 qui nisi pugnacem sciret sapiente minorem
 esse nec indomitae deberi praemia dextrae, 355
 ipse quoque haec peteret; peteret moderatior Ajax
 Eurypylusque ferox claroque Andraemone natus
 nec minus Idomeneus patriaque creatus eadem
 Meriones, peteret maioris frater Atridae:
 quippe manu fortes nec sunt mihi Marte secundi, 360
 consiliis cessere meis. tibi dextera bello
 utilis, ingenium est, quod eget moderamine nostro;
 tu vires sine mente geris, mihi cura futuri;
 tu pugnare potes, pugnandi tempora mecum
 eligit Atrides; tu tantum corpore prodes, 365
 nos animo; quantoque ratem qui temperat, anteit
 remigis officium, quanto dux milite maior,
 tantum ego te supero. nec non in corpore nostro
 pectora sunt potiora manu: vigor omnis in illis.
 'At vos, o proceres, vigili date praemia vestro, 370
 proque tot annorum cura, quibus anxius egi,
 hunc titulum meritis pensandum reddite nostris:
 iam labor in fine est; obstantia fata removi
 altaque posse capi faciendo Pergama, cepi.
 per spes nunc socias casuraque moenia Troum 375
 perque deos oro, quos hosti nuper ademi,
 per siquid superest, quod sit sapienter agendum,
 siquid adhuc audax ex praecipitique petendum est,
 [si Troiae fatis aliquid restare putatis,]
 este mei memores! aut si mihi non datis arma, 380
 huic date!' et ostendit signum fatale Minervae.

(Os sentaram-se. Do meio da força formada em círculo,
 Levanta-se à sua frente o dono do escudo de sete peles, Ajax,
 Incapaz como estava de conter a cólera, percorre com olhar
 terrível a costa Sigeia e a esquadra aí fundeada. Apontando
 para ela, exclama: “Júpiter, é diante destas embarcações
 que eu defendo a minha causa, e o meu adversário é Ulisses!
 Ora ele não hesitou em fugir diante das chamas ateadas
 por Heitor, chamas que eu parei e afastei desta esquadra.
 Pois é bem mais seguro lutar com belas do que combater
 de armas na mão. Mas eu não sou dado ao uso da palavra,
 nem ele é inclinado a agir. Ao meu valor na guerra cruel
 e no campo de batalha corresponde o dele no uso da palavra.
 Não penso, todavia, que seja necessário, Pelasgos, lembrar-vos
 meus feitos, pois que vós os vistes! Narre Ulisses os seus,
 realizados sem testemunhas, que só a noite conhece.
 É grande o prêmio que peço, reconheço-o,
 mas o meu rival deslustra-o. Por grande que seja,
 Ajax não tem por demais vir a ter o que Ulisses esperou.

Deste debate já ele, entretanto, colheu o prêmio,
 pois se dirá, depois de vencido, que foi comigo que o disputou.
 E se acaso o meu valor fosse posto em dúvida,
 teria a superioridade da nobreza, eu, descendente de Télamon
 que, sob o comando do valoroso Hércules, tomou as muralhas
 de Troia e, na nau de Págasa, arribou nas costas da Cólquida.
 Seu pai era Éaco, aquele que administra a justiça às sombras
 silenciosas, lá onde a pesada rocha ameaça Sísifo, filho de Éolo.
 Júpiter, o deus soberano, reconhece Éaco e afirma que é filho seu.
 Deste modo, Ájax é terceiro na linha de Júpiter,
 mas esta linhagem em nada favorece a minha causa,
 se não me for comum a mim e a Aquiles. Aquiles era meu irmão.
 Reclamo a herança fraterna. Por que associas tu, nascido
 do sangue de Sísifo, a ele tão semelhante no furto e na fraude,
 aos Eácidas o nome de uma família que lhe era estranha?
 Será porque fui o primeiro a pegar em armas, e sem a delação
 de ninguém, que estas armas me hão de ser negadas? Parecerá que
 as merece mais aquele que foi o último a empunhá-las, fugindo
 aos riscos, ao simular-se louco, até que um outro, mais sagaz
 do que ele, mas a si mesmo menos proveitoso, o filho de Náupilo,
 desvendou o seu pusilânime plano e o arrastou para a guerra?
 Há de ele empunhar as mais nobres por não ter querido empunhar
 nenhuma, e vou eu ficar frustrado e privado a enfrentar os perigos?
 Fosse real, quem dera, ou como tal reconhecida, a sua loucura,
 e jamais este instigador do crime nos teria acompanhado
 até junto das muralhas frígias! A ti, filho de Peante,
 abandonado por culpa nossa, não te restaria a ilha de Lemnos,
 tu que agora, segundo se diz, oculto nos antros das florestas,
 comoves com teu lamento as pedras e pedes para o filho de Laertes
 merecida punição. As tuas preces, se os deuses existem,
 não hão de ser vãs e, ainda hoje, aquele que conosco fez
 o mesmo juramento de guerra, oh!, um dos comandantes gregos,
 herdeiro das flechas de Hércules, alquebrado pela doença
 e pela fome, se veste e se alimenta de aves e, perseguindo-as,
 contra elas dispara os dardos destinados à destruição dos Troianos.
 Ele, contudo, vive, porque não acompanhou Ulisses.
 Até o infeliz Palamedes teria preferido ser abandonado.
 Viveria ou seguramente haveria tido morte sem labéu de crime.
 Profundamente ressentido por haver sido desmascarada a sua fingida
 loucura, Ulisses inventa que Palamedes traíra a causa dos Dânaos,
 faz prova da calúnia, apresentando o ouro que ele previamente havia
 enterrado. Deste modo, pelo exílio ou pela morte, minou a força
 dos Aqueus. É assim que ele luta. É nisto que Ulisses é temível.
 Ainda que em eloquência ultrapasse o leal Nestor,
 não conseguirá fazer-me pensar que não é um crime o abandono deste.
 Atrasado devido à ferida de um cavalo e fatigado devido aos anos,
 ao pedir ajuda a Ulisses, Nestor foi traído pelo companheiro.
 O filho de Tideu, que o censurou, a ele tantas vezes chamado
 pelo próprio nome, e lançou em rosto a seu apavorado amigo a sua fuga,
 sabe bem que estes não são crimes que eu tenha inventado.
 Os deuses observam com justo olhar as ações dos homens!
 Eis que precisa de auxílio aquele que não o prestou. Do mesmo
 modo que abandonou, devia então ser ele largado. Ele mesmo
 havia pronunciado a sua sentença. Grita pelos companheiros. Acorro.
 Vejo-o a tremer, pálido de medo e apavorado por uma morte iminente.

Cubro-o com o meu largo escudo, protejo-lhe o corpo estendido no chão e salvo (ato digno de magro louvor) uma vida inútil. Se persistes na disputa, voltemos àquele lugar, traz de volta o inimigo, os teus ferimentos, o teu medo habitual, esconde-te atrás do meu escudo e disputa comigo debaixo dele! Ora, depois de eu o arrancar ao perigo, aquele a quem as forças não consentiam que em pé se mantivesse, pôs-se em fuga, sem que qualquer ferida o pudesse reter. Heitor apresenta-se. Consigo para o combate traz seus deuses. Por onde quer que invista, não és, Ulisses, o único que te apavoras, apavoram-se também os valentes, tal é o terror por ele semeado. Fui eu que, de longe, o derrubei com uma enorme pedra, quando se ufanava pelo sucesso da sua cruenta carnificina. Reclamando alguém com quem se enfrentar em combates singular, fui eu o único a enfrentá-lo, tendo vós, Aqueus, feito votos para que a sorte me designasse a mim. E as vossas preces foram atendidas. Se quereis saber o desfecho deste combate, não fui vencido por ele. Acometem os Troianos com ferro e fogo, e até com o próprio Júpiter, a armada dos Dânaos. Onde está, nesse momento, o eloquente Ulisses? Fui que com meu peito protegi as mil embarcações, a esperança do vosso regresso. Por tantas embarcações, sejam-me as armas entregues! Pois, se me é permitido dizer a verdade, a honra que busco é maior para elas do que par mim. A glória de ambos é a mesma. E não é Ájax que reclama as armas, são as armas que a reclamar Ájax. Com estes feitos, o rei de Ítaca compare Reso, o timorato Dólon, a captura de Heleno, filho de Príamo, e o roubo do Paládio. Nada disso foi feito à luz do dia, nada sem a colaboração de Diomedes. Se definitivamente essas armas forem entregues a tão vulgares serviços, dividi-as e seja a maior parte pertença a Diomedes. Para que dá-las ao rei de Ítaca, que age sempre às ocultas e desarmado e é pela astúcia que surpreende o adversário desprevenido? O próprio reflexo do capacete, que refulge com o brilho do ouro, denunciará seus ardis e revelará seu esconderijo. Nem a cabeça do rei de Dulíquio, sob o capacete de Aquiles, suportará tão grande peso, nem a lança do Pélion poderá deixar de ser peso insuportável para braços não feitos para a guerra, nem um escudo cinzelado com a imagem do vasto mundo se adaptará à sua temerosa esquerda nascida para o furto. Por que pretende, perverso, um presente que irá te tornar mais débil? Se, por erro, o povo de Atreu to conceder, haverá razão para seres espoliado, mas não para seres temido pelo inimigo. E a fuga, pela qual a todos vence, ó mais medroso dos homens, será penosa para ti, ao teres de arrastar armas tão pesadas. Acresce o fato de esse teu escudo, tão raramente exposto a combate, estar intacto. O meu, que suportou os dardos, apresenta mil golpes. Por fim, palavras para quê? Que nos vejam a agir. Sejam as armas do mais valente dos heróis postas entre os dois inimigos. Ordenai, depois, que as tomemos e revesti com elas aquele que as apresentar.” O filho de Télamon acabara de falar. O sussurro da multidão sobrepôs-se às suas últimas palavras, até que o herói, o filho de Laertes, se levanta. Demorando por algum tempo o olhar fixo no chão, ergue-o na direção dos chefes e dá início ao aguardado discurso, a cujas eloquentes palavras não faltava encanto: “Se os meus e os vossos votos, Pelasgos, tivessem sido atendidos, dúvidas não haveria quanto ao herdeiro do objeto de tão importante

disputa, e tu, Aquiles, terias as tuas armas, e nós ter-te-íamos a ti. Uma vez que o injusto destino no-lo negou, a vós e a mim (entretanto, limpa os olhos com a mão, como se chorasse), que melhor herdeiro do grande Aquiles do que aquele por cuja ação o grande Aquiles se juntou aos Dânaos? Que a esse aí não favoreça o fato de parecer, tal como é, inepto. E que o meu talento, Argivos, que tão proveitoso sempre foi para vós, a mim não me prejudique. Que a minha eloquência, se alguma tenho, tantas vezes exercitada a vosso favor, que agora se exercita a favor do dono, não seja objeto de inveja, e que nenhum de nós renuncie a seus dons. Ora, é difícil considerar meus a nobreza, os antepassados e os feitos que eu não realizei. Mas uma vez que Ájax afirmou ser bisneto de Júpiter, também da minha linhagem é Júpiter o autor, e de Júpiter disto em igual medida, pois tenho a Laertes por pai, Laertes tinha Arcésio, que tinha por pai Júpiter. E nenhum deles foi condenado e destronado. Também pela mãe, o deus de Cilene me acrescenta um segundo grau de nobreza. Há um deus na linhagem de cada um de meus pais. Mas não é por ser mais nobre pelo lado da mãe, nem por ternem a um pai que não é culpado da morte de um irmão que reclamo as armas em causa. Julgai a demanda em função dos méritos, contanto que não sejam méritos de Ájax o fato de serem irmãos Télamon e Peleu, nem a proximidade de parentesco, mas procure-se nestes despojos homenagear o mérito. Ou, se é o parentesco ou um em primeiro grau, está aí Peleu, o pai de Aquiles, aí está Pirro, seu filho. Que faz Ájax aqui? Sejam as armas levadas a Ftia ou a Ciro. Nem sequer Teucro é primo mais afastado de Aquiles do que ele. E acaso as reclama ele? E obtê-las-ia se as reclamasse? Pois bem, uma vez que o debate versa só sobre os nossos feitos, eu realizei mais do que me é possível abarcar com palavras. Conhecendo antecipadamente a morte que sobreviria a Aquiles, sua mãe, a filha de Nereu, esconde-o sob o disfarce das vestes, disfarce que a todos enganou, incluindo Ájax. Aos atavios femininos acrescentei eu armas suscetíveis de impressionarem um espírito varonil e, ainda o herói não havia se livrado dos vestidos de mulher, quando, segurando em sua mão escudo e lança, lhe disse: ‘Filho de uma deusa, Pérgamo reserva-se para cair em tuas mãos. Por que demoras em destruir a poderosa Troia?’ Desmascarei e enviei este herói para mais heroicas tarefas. Portanto, são meus os seus feitos. Eu, em combate, derrubei Télefo com a lança; eu curei-o quando, uma vez vencido, mo suplicou; pertence-me a queda de Troia; fui eu, acreditai-me, quem tomou Lesbos, Tênedos, Crises e Cila, cidades de Apolo, e ainda Ciro; sabeis que, feridas pela minha destra, ruíram as muralhas de Lirnesso; dei-vos, para não falar de outros, o único que podia vencer Heitor. Por meu intermédio, o glorioso Heitor jaz morto! Por aquelas armas com que Aquiles foi descoberto peço eu estas! Dei-lhas enquanto vivia; reclamo-as depois de ele morrer. Quando a dor de um só atingiu os Gregos todos, e mil embarcações coalharam o porto de Áulis, frente a Eubeia, os ventos por tanto tempo esperados ou não sopravam, ou eram contrários à frota, cruel oráculo ordena que Agamêmnon

sacrifique sua inocente filha à implacável Diana.
 Sendo pai, recusa isso e revolta-se contra os mesmos deuses,
 pois no rei existe o pai. Fui eu quem, com minha palavra,
 fiz com que a ternura paterna se voltasse para o bem comum.
 Hoje confesso-o, e que o Atrida me perdoe a confissão,
 defendi causa difícil perante juiz parcial. A este, contudo, são
 o interesse geral, seu irmão e a majestade do cetro que lhe foi
 confiado que o movem a comprar a glória com o sangue.
 Também sou enviado junto da mãe, a quem não tive de persuadir,
 mas de enganar com astúcia. Se lá tivesse ido o filho de Télamon,
 ainda agora as velas estariam sem ventos favoráveis.
 Orador ousado, sou mandado ainda aos baluartes de Ílion.
 Vi e entrei na assembleia da cidade alta de Troia.
 Estava ainda repleta de guerreiros. Sem me perturbar,
 defendi a causa de todos que a Grécia me confiara. Acuso Páris,
 reclamo os tesouros e reclamo Helena. Convoco Príamo
 e, com Príamo, convoco Antenor. Mas Páris e os irmãos,
 e quantos com eles perpetraram o rapto, foi a custo
 (e tu, Menelau, sabes isso) que contiveram as mãos criminosas.
 E esse foi o primeiro dia em que contigo partilhei o perigo.
 Longo seria o relato de quanto de útil fiz com o meu conselho
 e a minha espada no tempo de tão longa guerra. Depois dos
 primeiros embates, o inimigo manteve-se por muito tempo remetido
 às muralhas da cidadela e nenhuma ocasião surgiu para combates
 em campo aberto. Combatemos apenas no decurso do décimo ano.
 Tu, que não sabes senão combater, que fazes tu entretanto?
 Que préstimos eram os teus? Se queres saber o que faço,
 monto emboscadas ao inimigo, cerco as trincheiras com valas,
 encorajo os aliados a suportar com paciência os incômodos
 de uma longa guerra, ensino-lhes o modo de se sustentarem
 e de se armarem, e sou enviado para onde a necessidade o exige.
 Enganado pela imagem de um sonho, advertência de Júpiter,
 eis que o nosso rei nos ordena que ponhamos fim à guerra
 que havíamos começado. Ele pode apoiar sua ordem na autoridade
 divina. Não consinta Ájax nisso e reclame a destruição de Pérgamo;
 lute, que é o que pode fazer. Por que não detém os que estão prontos
 a partir? Por que não toma ele as armas e faz que a indecisa multidão
 o siga? Isso não era demais para quem só sabe se gabar-se.
 Mas o que, se também ele foge? Eu vi, e corei de vergonha
 ao ver, quando tu, Ájax, voltavas as costas e vergonhosamente
 aprestavas as velas. Clamei logo: ‘Que fazeis? Que loucura
 vos impele, companheiros, a abandonar Troia já tomada?
 Ao fim de dez anos, que levais para casa senão desonra?
 Com esta exortação e outras do mesmo gênero,
 para as quais a minha indignação me tornara eloquente,
 fiz voltar os fugitivos da armada desertora. O Atrida convoca
 os aliados transidos de terror e nem aí o filho de Télamon
 ousa abrir a boca. Com insolentes palavras, até Tersites
 ousara injuriar os reis. Por ação minha não ficou impune.
 Levanto-me e incito contra o inimigo os nossos cidadãos temerosos.
 Com a minha palavra restauro a coragem perdida.
 Quanto, desde então, possa parecer que cada um haja feito
 é obra minha, pois que o trouxe de volta, quando já fugia.
 Pois a ti, quem é que, dentre os Dânaos, te elogia ou te procura?
 A mim, o filho de Tideu associa-me a seus feitos, tem consideração

por mim, confia na companhia de Ulisses. É significativo que, dentre tantos milhares de gregos, fosse eu o único a ser escolhido por Diomedes. Não foi um sorteio que me escalou para ir. E, deste modo, desprezando o perigo da noite e do inimigo, liquido o frísio Dólón, que ousava o mesmo que eu, mas não antes de o obrigar a tudo me revelar, inteirando-me assim de quanto preparava a pérfida Troia. Sabia tudo, e não tinha o que espiar. Podia regressar já com a prometida glória. Não satisfeito com isso, dirijo-me à tenda de Reso e liquido-o em seu campo, a ele e seus companheiros. Vitorioso, com meus desejos cumpridos, avanço no carro capturado, reproduzindo alegres triunfos. Negai-me as armas daquele cujos cavalos eram o preço que Dólón pedira pelo trabalho da noite, e Ájax teria sido bem mais generoso comigo! Para que referir os batalhões do lício Sarpédón dizimados pela minha espada, quando afoguei em sangue Cérano, filho de Ífito, Alastor, Crômio, Alcandro, Hálío, Némon e Prítanes, e com Quersidamente entreguei à morte Toas, Cárope e Ênomo, este movido por cruel destino, e outros menos famosos que às minhas mãos tombaram diante das muralhas de Troia? Também eu ostento feridas, compatriotas, gloriosas pelo lugar onde estão. Não deis crédito a palavras vãs, olhai! Com a mão afasta a roupa e prossegue: “Este peito sempre se moveu pelas vossas causas. Em contrapartida, o filho de Télamon, ao longo de tantos anos, não derramou por seus companheiros de luta nem uma gota de sangue, não tem em seu corpo uma só ferida. Que importa que diga que pegou em armas em defesa da armada pelasga contra Troia e contra Júpiter? Eu confirmo-o, pegou! Não está de acordo comigo negar por maldade os méritos alheios. Mas não reclame só para si o que é de todos, e partilhe convosco alguma glória. Foi o neto de Actor quem, protegido sob a aparência de Aquiles, repeliu os Troianos das naus prestes a arderem com o seu defensor. Considera-se ainda o único que ousou medir-se com as armas de Heitor, esquecendo o nosso rei, esquecendo os chefes, esquecendo-me a mim, ele, o nono na função e escolhido por sorteio. E qual foi, valente guerreiro, o resultado da tua luta? Heitor retirou sem sofrer um arranhão. Infeliz de mim! Com quanta dor me vejo forçado a lembrar o dia em que ruiu Aquiles, a muralha dos Gregos! E nem as lágrimas, nem a dor, nem o medo me impediram de o arrancar à terra e trazer seu corpo! Nestes ombros, nestes ombros, repito, carreguei eu ao mesmo tempo o corpo e as armas de Aquiles, armas que também agora me esforço por carregar. Tenho forças para suportar esse peso e, seguramente, tenho um coração capaz de se sintonizar com as honras que me concedereis. Ou será que a azulada mãe foi tão cuidadosa com seu filho para que um guerreiro rude e desprovido de sentimentos envergasse esses dons celestes, essa obra de tão esmerada arte? Pois ele nem sequer reconhece as imagens cinzeladas no escudo, o Oceano, a Terra, as constelações no alto do céu, as Plêiades, as Híades, a Ursa, que não se banha no mar, o curso dos vários astros e a refulgente espada de Órion.

Pretende ficar com as armas de que o significado entende.
 E que dizer do fato de me acusar de fugir às duras obrigações da guerra e de tarde me associar a um empreendimento já iniciado, sem se aperceber de que está a caluniar o valoroso Aquiles?
 Se é crime a dissimulação, ambos simulamos; se se tem por culpa a demora, a minha é menor que a dele. A mim deteve-me carinhosa esposa, a Aquiles, uma terna mãe. A elas dedicamos os primeiros tempos, todo o outro foi dedicado a vós. Nem tenho medo, se já não puder defender-me de um crime que partilho com um tão nobre herói.
 Como quer que seja, Aquiles foi descoberto pelo engenho de Ulisses, mas Ulisses não o foi pelo engenho de Ajax.
 não nos surpreenda que sobre mim derrame as injúrias de sua insensata língua. Também contra vós lança infâmias. Ou será que é para mim infamante haver acusado Palamedes de um falso crime e é honroso para vós o havê-lo condenado? Por outro lado, nem o filho de Náuplio conseguiu defender-se de tão grave e tão manifesto crime, nem vós ouvistes falar das acusações que lhe eram feitas, foram por vós vistas, o objeto do preço pago pelo seu serviço estava à vossa frente. Nem mereço ser considerado réu do fato de a ilha de Lemnos, cara a Vulcano, reter em si o filho de Peias. Defendei a vossa conduta, pois estivestes de acordo. Não vou negar que o aconselhei a furtar-se às fadigas da guerra e às da viagem e a aliviar com o sossego as insuportáveis dores. Ouviu-me e, por isso, vive! Este conselho não só foi sincero, foi também sensato, embora bastasse que fosse sincero.
 Uma vez que os adivinhos reclamam a presença de Filoctetes para a destruição de Pérgamo, não me envieis a mim. Melhor é que vá o filho de Télamon e, com sua eloquência, apazigúe esse homem a quem a dor e a cólera enlouquecem ou, astuto como ele é, de lá o retire com qualquer ardil. O Simoente voltará à fonte, o Ida ficará despido, a Acaia prometerá socorro a Troia antes de o meu engenho deixar de velar pelo nosso interesse e de a sagacidade do tardo Ajax poder ser útil aos Dânaos.
 Ainda que nos detestes, aos aliados, ao rei e a mim, ó implacável Filoctetes; ainda que me amaldiçoes e, sem causa, consagre aos deuses a minha cabeça; ainda que, no teu sofrimento, anseies por que o acaso me faça cair em teu poder e pretendas derramar meu sangue e dispor da minha liberdade como eu dispus da tua, mesmo assim eu irei ao teu encontro, tentarei trazer-te comigo, assenhorear-me-ei, assim a Fortuna me ajude, das tuas flechas como me assenhoreei-me do adivinho de Dárdano, a quem capturei, como desvendei os oráculos dos deuses e o destino de Troia, e como roubei do santuário rodeado de inimigos a estátua de Minerva frígia. Será que comigo se compara Ajax?
 Sem essa estátua, os fados não consentiam que Troia fosse tomada. Onde está o intrépido Ajax? Onde está o arrogante discurso desse grande herói? Por que tem medo agora? Por que ousa Ulisses passar pelas sentinelas, confiar-se à noite, penetrar, no meio de terríveis espadas, não só nas muralhas de Troia, mas ainda no ponto mais alto da cidadela, arrancar de seu templo a deusa e trazê-la pelo meio das hostes inimigas?
 Se não o tivesse feito, em vão o filho de Télamon teria em seu braço esquerdo as peles de sete bois.
 Naquela noite, eu alcancei a vitória sobre Troia. Venci Pérgamo no momento em que consegui que pudesse ser vencida.

Deixa de me apontar a meu amigo, o filho de Tideu,
 com o olhar e o sussurro. Nisto tem ele parte da glória.
 Nem tu estavas só, quando empunhavas o escudo em defesa
 da frota aliada, estava contigo uma multidão de companheiros.
 Comigo estava um só. Se ele não soubesse que o aguerrido é inferior
 ao sagaz e que não é à destra invencível que este prêmio é devido,
 também ele o reclamaria. Reclamá-lo-ia também o outro Ájax,
 mais comedido que tu, e o terrível Eurípilo, e o filho
 do ilustre Andrêmon, e Idomeneu e seu compatriota Meríones.
 Reclamá-lo-ia o irmão do Atrida mais velho. São realmente
 valentes e não são inferiores a ti na guerra. Cederam, porém,
 diante de meu engenho. Tens uma destra que é útil no combate,
 mas tens um espírito que carece da minha orientação.
 Tu usas a força sem discernimento, eu tenho a previsão do futuro.
 Tu podes lutar. O momento da luta escolhe-o comigo o filho
 de Atreu. Tu só com teu corpo és útil, eu sou-o com a minha
 mente. Quanto o comandante da embarcação é superior
 ao homem do remo e quanto o general é superior ao soldado
 é quanto eu te supero. E, no nosso corpo, o coração é mais
 importante que o braço, é nele que reside todo o vigor.
 E vós, chefes gregos, dai o prêmio à vossa sentinela
 pelo desvelo de tantos anos em que vivi angustiado.
 Concedei-me este galardão em paga dos meus serviços!
 Os trabalhos estão no fim; demovi os fados, que se nos opunham;
 tomei a alta Pérgamo ao fazer com que possa ser tomada.
 Pelas esperanças que ora partilhamos, pelas muralhas de Troia
 prestes a caírem, pelos deuses que há pouco roubei ao inimigo,
 por alguma coisa em falta que deva ser acometido com sagacidade,
 por algo de audaz que deva ser acometido com celeridade,
 se julgais que alguma coisa resta ainda ao destino de Troia, vos peço,
 lembrai-vos de mim! Ou, se não me derdes a mim as armas,
 dai-a a esta”, e aponta a estátua de Minerva, instrumento do destino.
 (Ovídio, *Metamorfoses*, XIII, vv. 1-381)⁴

O primeiro a falar foi Ájax. Como dito anteriormente, Ájax tece seu argumento em torno da ideia central que é respaldada pelo uso da força. O Telamônida procura apontar para momentos de fraqueza de Odisseus, momentos nos quais o Laercida teve de fugir da refrega belicosa dado que, segundo Ájax, “é mais seguro lutar com belas palavras do que combater de armas na mão” (livro XIII; vv. 9-10)⁵.

Este viés é também aquele de Aquiles, muito embora o Pelida também fosse bom nos discursos. O que fica patente é que, aquele que está habituado a utilizar-se do recurso da força com o propósito de resolver suas querelas tem a tendência de sempre apelar para este recurso, sendo incapaz de resolvê-las através do recurso das palavras. Aquiles também passa por uma situação semelhante quando da divisão do butim conquistado logo quando da chegada dos gregos à planície troiana. Naquele

⁴ Cf. Ovídio. *Metamorphoses*. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017, pp. 671-693.

⁵ Cf. Ovídio, *op. cit.*, p. 671.

momento, o Pelida envolveu-se em uma terrível altercação com Agamêmnon, a disputa em questão sendo quem ficaria com a bela Briseida, espólio de guerra de Aquiles naquela altura.⁶

Ájax continua seu discurso trabalhando com ideias referentes a sua linhagem paterna, o que faria dele não só descendente de Zeus como também parente de Aquiles, o que por si só já seria o bastante para dá-lo por vencedor da querela que ora disputa com Odisseus. Acresce a seu discurso a ideia de que Odisseus sequer chega a ser parente de Aquiles, o que faz dele um falso merecedor das armas do Pelida. O Telamônida aponta para o fato de que, simplesmente por participar de tal disputa pelas armas, Odisseus tira-lhe o brilho de suas realizações, ao passo que para o Laercida é uma honra a mais o simples fato de disputar as armas de Aquiles com um herói de tal valor. Como se pode perceber, a ideia de glória e honra perpassam, de maneira contundente, por tal discurso. Para Ájax, Odisseus é mestre em calúnias, em invenções, e não poupa com suas investidas caluniosas nem mesmo os gregos, como nos casos de Filoctetes e de Palamedes. Mesmo nos momentos de prementes combates, Odisseus não demonstra bravura, recorrendo incessantemente ao auxílio de outrem, como em vários momentos o próprio Telamônida teve de prestar socorro a um herói, que em batalha é uma vida inútil. Diante de atos de pusilanimidade da parte de Odisseus, Ájax aponta ainda para o fato de que, se os juízes entregarem as armas de Aquiles para o Laercida, a glória e a honra que as armas mesmas por si sós ostentam tornar-se-ão débeis em mãos de um herói que sempre age às esconsas e desarmado e pela astúcia é que surpreende, desarmados, os adversários. Pode-se perceber que os ataques discursivos de Ájax procuram solapar toda e qualquer ação heroica de Odisseus, estabelecendo uma crítica severa ao claro liame existente entre uma ação guerreira movida apenas pela astúcia e uma ação movida pela covardia, portanto, uma ação longe do ideal guerreiro e que, portanto, deveria ser esta considerada desonrosa, e, através deste discurso mesmo, o Telamônida argumenta que uma ação guerreira movida pela força, esta sim é que deve ser considerada merecedora de eloquentes elogios. Por fim, como é de se esperar de alguém que fundamenta seu discurso no elogio ao uso da força, Ájax finaliza dizendo

⁶ Cf. Homero. *Ilíada*. Trad. de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005, pp. 33-41. Cf. Homero. *Ilíada*. Trad. de Frederico Lourenço. Introdução e apêndices de Peter Jones. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, pp. 114-123.

que as palavras de nada servem, que é melhor para um bom julgamento, que os dois contendores ajam, em vez de uma batalha de palavras, uma batalha de armas em punho.

Odisseus começa seu discurso dizendo que seria muito melhor que as armas de Aquiles estivessem sendo ostentadas por ele mesmo e, assim, nem os dois heróis estariam disputando as armas e nem os juízes estariam tendo de fazer tal julgamento. Odisseus lembra os gregos que ali estão que Aquiles foi para as planícies troianas acompanhando o exército dos Atridas devido à intervenção astuciosa dele. Prossegue, respondendo à inferência de Ájax de que ele não faz por merecer as armas de Aquiles por não ter ascendência divina e nem sequer ser parente dele, dizendo que tanto da parte da mãe quanto da parte do pai sua ascendência é divina, mas faz um apelo aos juízes para que não façam o julgamento baseados no grau do parentesco divino e sim em função de méritos. Odisseus aponta para o fato de que, se for para dar as armas para alguém por conta do grau de parentesco, que elas sejam dadas para o pai de Aquiles, que ainda está vivo, ou para o filho de Aquiles, que se encontra entre os gregos na planície troiana, ou para o primo de Aquiles, Teucro. Estes sendo sim, por grau de parentesco, mais merecedores do que Ájax. Odisseus prossegue seu discurso mencionando os seus feitos. O Laercida diz que foi através do uso da astúcia (dispositivo criticado acerbamente por Ájax) que ajudou a conquistar Ílion (Troia). Foi através de escaramuças, armadilhas e logro que ele auxiliou em tal conquista. E é com astúcia que Odisseus atribui-se os méritos todos de Aquiles quando da colaboração do Pelida ao intento de derrubar as muralhas de Troia. Ora, não fora por ação de Odisseus que Aquiles acabou descoberto quando, sua mãe, a deusa Tétis, sabedora do oráculo que dizia que Aquiles teria vida breve se lutasse para conquistar renome imorredouro, tentou ludibriar os aqueus, disfarçando-o de linda donzela? O Laercida apela para a ideia de que, se realmente Ájax realizou tantas e tamanhas façanhas tão merecedoras de tal galardão (as armas de Aquiles), então por que Troia demorou para cair sob seus pés? Em sua descrição de suas façanhas, Odisseus pergunta aos juízes e ao próprio Telamônida se seria justo haver uma comparação de Odisseus com Ájax, dado que foi ele quem fez cumprir as condições exigidas pelo oráculo para a conquista de Troia. O Laercida, em seguida, menciona que junto com ele em todas estas proezas estava apenas Diomedes, que tal como Ájax age também pelo uso da força em detrimento da sagacidade, no entanto, nem mesmo ele reclamou o direito sobre as armas de Aquiles, dado que também reconhece ser o sagaz superior ao aguerrido. Por fim, Odisseus, com seu discurso baseado em sua astúcia e em sua eloquência, acaba por vencer o

Telamônida. Após ser derrotado, Ajax comete suicídio. Movido por terrível desejo de vingança contra todos aqueles que ficaram a favor de Odisseus e, portanto, a favor da astúcia em detrimento da força, o Telamônida promove uma carnificina perpetrada sobre o gado que servia de alimento para os gregos, acreditando ser este gado mesmo aqueles juízes que o preteriram. Quando deu por si, movido por uma espécie de loucura, pôs fim a própria vida como única maneira de demonstrar o quão ressentido estava. Este foi o desfecho trágico da disputa pelas armas do Pelida.

1.3 A astúcia contra a força

Os discursos assim ordenados por Ovídio levam a crer que o julgamento feito foi realizado com base na ideia de que a eloquência fez vitorioso aquele que, com sabedoria, melhor utilizou-se do recurso das palavras bem ordenadas, bem coesas, coerentes. Pode-se perceber que a realização de façanhas pautadas no uso da força por si só não bastou para dar tal convencimento aos juízes, todos eles guerreiros assim como os dois contendores, dado que a vitória coube àquele que conseguiu tecer o melhor dos discursos. Então, cabe perguntar se o que estava sendo julgado por tais juízes era o discurso propriamente dito, como nos casos de disputas de retórica, de oratória, ou se estava em julgamento as proezas guerreiras dos heróis, aquelas proezas que mais e melhor auxiliaram os gregos a atingirem o seu objetivo, que era naquele momento a conquista da cidade de Troia?

A cidade de Troia fora tomada. O objetivo fora conquistado. Para que tal façanha pudesse ser realizada a contento era sabido haver três oráculos, portentos de severas dificuldades, que diziam serem necessários requisitos básicos para que tal evento surtisse efeito e a cidade de Troia caísse afinal. A saber: as armas de Hércules deveriam fazer parte da batalha, o paládio (estátua da deusa Atena) deveria estar do lado grego, os cavalos de Reso, rei da Trácia, deviam estar de posse do lado grego. Para conseguir cumprir as previsões dos oráculos, Odisseus encarregou-se juntamente com Diomedes de realizar as tarefas assim determinadas. Todas as façanhas relacionadas com tais tarefas foram realizadas com sucesso. Neste meio tempo, Ajax participava, juntamente com os demais guerreiros gregos que ainda estavam em condições de participar dos combates, de batalhas que não faziam com que a vitória pendesse nem para um lado e nem para o outro. Neste caso, Ajax de fato auxiliou os gregos sobremaneira, no entanto, suas proezas guerreiras não tiveram valor significativo para a vitória final. Assim, por ele ter alegado em seu discurso que seus braços colaboraram de forma contundente para com a vitória pode ter soado no mínimo duvidoso aos ouvidos

dos juízes. Talvez por isso os juízes tenham escolhido Odisseus para ficar com as armas de Aquiles.

Quando Ovídio escreveu seu poema a sofística, a retórica, a oratória já tinham trilhado muitos caminhos. Já haviam sofrido influências as mais diversas possíveis. A começar pelos gregos, passando pelos pensadores do Período Helenístico, chegando até os romanos, os discursos sofreram transformações de maneira lapidar, de tal forma que o poeta provavelmente tinha como pano de fundo a ideia de que um discurso que estivesse baseado na *métis* sobrepujaria com facilidade um discurso que estivesse baseado no uso da força, ou melhor: um discurso que defendesse que o uso da força era o melhor dos recursos para vencer uma disputa. No campo de batalhas propriamente dito palavras podem até valer muito pouco, salvo pelo fato de que as ordens dos líderes normalmente sejam dadas com o uso de palavras; por mais evidente que seja, o uso dos braços, o manejo das armas, portanto, o uso da força, tem sim mais valor, como salientou muito bem Ajax. Não foi à toa que o Telamônida apelou para as suas façanhas realizadas com sucesso, que tiveram como ponto fulcral o uso da força. O Telamônida é sim o guerreiro que tem como seu maior galardão a força, quer esta força seja empregada no campo de batalhas em plena guerra quer seja empregada em uma batalha discursiva, campo no qual ele não é tão ágil. Por outro lado, Odisseus tem como seu maior galardão o uso da astúcia. No campo de batalhas discursivas, o Laercida leva vantagem sobre a maioria dos gregos presentes na planície troiana, ao passo que no campo de batalhas da guerra, o Laercida já não seja tão ágil quanto o Telamônida. Destarte, entregar as armas de Aquiles para o vencedor no campo de batalhas discursivas pode parecer até uma injustiça cometida pelos juízes; ou seja: de pronto, Odisseus já havia vencido Ajax desde o início da contenda. Ou ainda: pode parecer certa inépcia da parte dos juízes julgarem o caso desta forma, ou até mesmo, pode parecer que os juízes foram tendenciosos.

As participações de Ajax e de Odisseus na Guerra de Troia encontram-se narradas na epopeia, aquela de Homero (*Ilíada e Odisseia*); na tragédia, aquela de Sófocles (*Ájax*), além de se encontrarem registradas no mito grego. Partindo-se do princípio de que a disputa discursiva, a contenda entre Ajax e Odisseus pelas armas de Aquiles tenha ocorrido, esta disputa mesma não se encontra narrada nem por Homero e nem por Sófocles em seus poemas; se a contenda deu-se da maneira que Ovídio registrou em seu poema, então a decisão dos juízes pode ter como pano de fundo as influências que a sofística, que a arte da oratória, que a arte da retórica possuíam no

tempo do poeta romano e não representa o que realmente aconteceu. O fato é que no *Ájax* de Sófocles a ação toda se passa após o julgamento e o Telamônida já está em vias de cometer suicídio; já em Homero a batalha discursiva não se encontra narrada.

A luta discursiva pelas armas de Aquiles assim como narrada por Ovídio parece estar deslocada de seu lugar, dado que o poema em si versa sobre metamorfoses sofridas por certos personagens da mitologia, metamorfoses estas que vez por outra foram provocadas por alguma divindade. Sendo o tema central do poema tais metamorfoses, uma batalha discursiva pelas armas de Aquiles, por mais importantes que fossem estas armas e mesmo este herói, não se encaixaria adequadamente no corpo do poema.

Assim, pode ser importante analisar a disputa em si e aquilo que ela representa para a questão do uso da *métis*, pois este aparente deslocamento aponta para o fato de que o poeta ou cometeu um descuido ou estabeleceu uma relação entre a disputa, a morte de *Ájax* e alguma metamorfose, dado que nenhum dos personagens em questão passou por alguma metamorfose, pelo menos não como registrado pelo mito.

Ademais, este “deslocamento” aparente apontou para um destaque dado para o uso da *métis* proferido por Odisseus que proporcionou para o Laercida a vitória no debate. Assim, o aparente deslocamento e a vitória do uso da *métis* em um poema que versa essencialmente sobre metamorfoses, estes usos e abusos da *métis* por parte de Odisseus (e porque não mencionar também aqueles que se utilizaram da *métis* para obter alguma vantagem?) apontam para o fato de que a astúcia passou a ser considerada mais importante para os gregos do que os usos da força a partir de determinado momento histórico.

Cabe determinar quando e como se deu este processo. Uma possibilidade de resposta reside no fato de que o imperialismo ateniense trouxe grande prosperidade para Atenas. Exatamente no momento mesmo de apogeu deste imperialismo, a filosofia, o teatro, a democracia estavam em seu nascedouro e viriam a alterar de modo profundo a visão de mundo dos gregos. Guerras assolaram o solo da Grécia durante o período em questão (séculos VI, V, IV) e a ideia de que a força poderia sobrepujar os povos vizinhos e os inimigos estava em voga, traduzida que estava neste imperialismo mesmo. Por conseguinte, discursos inflamados defendendo os usos da força eram comuns. Como poderia um discurso pautado no uso da *métis* provar-se superior e, portanto, melhor do que aqueles discursos pautados no uso da força? Parecia que Ares tornava-se mais forte e importante do que Atena. Contudo, foi exatamente

neste momento de práticas imperialistas e de guerras que ocorreu o florescimento de ideias filosóficas poderosas, capazes de sobrepujar os usos da força. Não que as guerras e, conseqüentemente, os discursos que defendiam que o uso da força era o melhor dispositivo para alcançar vitórias deixassem de ser defendidos calorosamente. Mas, estas ideias filosóficas encontraram um solo fértil para sua propagação e, em pouco tempo, a sofística varria para um segundo plano as ideias defensoras do uso da força.

Aos olhos de Homero, Odisseus foi considerado aquele herói que melhor se apropriou dos usos da astúcia para conquistar seus objetivos. Os métodos utilizados por Odisseus não necessariamente lidavam com a questão da justiça, ou melhor, lidavam com a questão da justiça de uma maneira tortuosa, já que o Laercida vez por outra não se importava com os meios somente com os resultados. Assim, muitas vezes não importava quem iria sofrer com as conseqüências de seus atos. Provas não faltam. Apenas para ficar com alguns exemplos: Odisseus não ludibriou Polifemo? Não ludibriou ou tentou ludibriar Penélope? Não ludibriou ou tentou ludibriar o próprio pai, Laertes? A *Odisseia* de Homero parece exaltar tais ações e atitudes do Laercida. Tanto é que Laertes não é considerado por muitos como o verdadeiro pai de Odisseus. Para muitos, Sísifo seria o verdadeiro pai de Odisseus. Ora, não fora Sísifo, que com sua astúcia, conseguiu ludibriar e aprisionar Thanatos, o deus da morte?

O mitologema de Odisseus traz o indicativo de que ele era tido como um homem sagaz, assaz perspicaz, astucioso. Ele sabia utilizar-se com maestria de recursos indicativos de tamanha esperteza e inteligência, que vez por outra, ele era comparado com divindades cuja característica mais marcante era a sagacidade, tal como Cronos, Zeus, Hermes entre outros. Para além do mito, Odisseus, como supracitado, tem a oportunidade de demonstrar sua sagacidade e sua astúcia várias vezes, assim como relatado nos poemas homéricos, nas tragédias, e, finalmente, no poema do poeta latino Ovídio, tal como fora acima citado. Destarte, a esperteza de Odisseus não se caracteriza necessariamente como novidade. A sofística, por ter surgido muito tempo após o surgimento do mitologema de Odisseus, não colaborou de forma exclusiva para com a criação de um personagem tão carismático cuja característica principal era ser por demais esperto, capaz de mil ardis, capaz de ludibriar até personagens tão espertos quanto ele mesmo, somente para demonstrar que enquanto tal, ele era muito mais bem dotado.

A *Odisseia*, por estar inserida na épica, dista do surgimento da sofística entre os gregos de muito tempo. As tragédias por sua vez são praticamente

contemporâneas da sofística, o que de certa forma pode dizer muito dos usos da *métis* por parte de Odisseus e pode indicar que aquelas sofreram profundas influências desta no que diz respeito ao mitologema de Odisseus. Entretanto, no caso das *Metamorfoses* de Ovídio, a sofística já havia se enraizado profundamente, tanto em solo grego quanto em solo romano, logo, a *métis* odisseica já era de muito tempo conhecida e estava disponível para a plasmação poética. Neste último caso, parece que aos olhos do poeta, era muito importante demonstrar este lado de um Odisseus assaz perspicaz, capcioso. Nota-se que o Laercida parece estar combatendo o Telamônida como se fosse em um campo de batalhas reais, mas em vez de ser com os braços como quisera Ájax, com palavras, exatamente como não quisera Ájax. Aos olhos dos leitores e dos prováveis ouvintes dos discursos dos dois contendores, muito provavelmente Odisseus perpetrara um verdadeiro massacre sobre o Telamônida, prova mesma de que as palavras valem mais do que os braços, quando bem empregadas. No que diz respeito à diplomacia, a arte de bem discursar tem grande valor e pode vez por outra evitar a carnificina perpetrada pelas guerras. No que diz respeito à Guerra de Troia, o enredo já era o de uma guerra, a diplomacia já havia falhado, a carnificina já havia provocado muitas mortes e muito sofrimento.

2. A multiplicidade da *métis*

Os usos da *métis* estão na procura do êxito em um domínio da ação, passando por habilidades úteis à vida, habilidades mágicas, astúcias de guerra, enganos, fingimentos e desembaraços de todos os tipos. No entanto, não se pode deixar de fora a clássica oposição entre o emprego da força e o recurso da *métis*. O sucesso de uma determinada ação pode ser obtido por duas vias: a superioridade de força, o mais forte vencendo; a superioridade da *métis*, o mais astuto vencendo. Em qualquer dos casos, o derrotado é considerado inferior, o que sempre gera controvérsias. O derrotado tem por princípio que sofrera a derrota exatamente porque o vencedor utilizou-se de recursos escusos aos bons princípios que vigoram entre os guerreiros num campo de batalhas. A segunda via é aquela da questão temporal, a *métis* sendo um recurso para ser usado de acordo com o momento mesmo em que a disputa oscila para um lado ou para o outro lado. Em outras palavras: aquele que é dotado de uma *métis* apurada aproveita-se muito bem do bom momento da ação. No calor da ação, há por vezes a necessidade de se ter junto a si a experiência, por vezes representada por um ancião e, a astúcia, por vezes representada por um homem maduro; muito embora, para os homens, mesmo aqueles dotados de extraordinária *métis*, o simples fato de desconhecer o futuro demonstra que a

excepcional “pré-visão” que a *métis* pode trazer para os mortais nada mais significa sua ignorância mesma daquilo que por ventura possa acontecer no futuro, o que muitas vezes leva estes mesmos homens a caírem em suas próprias armadilhas criadas por eles quando dos usos e abusos da *métis*. Ainda outro elemento ou característica pode ser somada àquelas outras: a *métis* é múltipla, multifacetada. Aquele dotado de uma extraordinária *métis* será também uma espécie de homem capaz de fazer tudo. Portanto, o homem dotado da pura *métis* encontra muito facilmente os meios para livrar-se das dificuldades que se apresentam constantemente em sua vida cotidiana. A *métis* é posta em prática por disfarce, sendo uma potência de engano e de astúcia; ao utilizar-se de *métis*, o usuário opera uma união entre realidade e aparência que produz um efeito de miragem que leva aquele que sofre os efeitos até o caminho do erro, e diante de sua derrota provocada por tal expediente, ele (a vítima) encontra-se assim desorientado diante daquilo que mais se aparenta com os sortilégios de um mágico. Como se pode perceber destas poucas características apresentadas até o momento, *métis* dissimula sob o véu de imagens seguras e cativantes, sedutoras, as armadilhas e os enganos que ela esconde dentro de si mesma.

A *métis* traz para aquele que dela se utiliza, toma posse, a agilidade, a leveza, a rapidez, a mobilidade, a dissimulação, a arte de ver sem ser visto, a inteligência prática. Contra alguém dotado de extraordinária *métis*, a única maneira de ser bem-sucedido é também ser dotado de mesma *métis*, ou melhor, utilizar-se de expedientes semelhantes. A bravura de Ájax fracassa diante da astúcia de Odisseus devido a este último ser dotado de multifacetada *métis*, é o equivalente à vitória do lobo sobre o leão. O mortal dotado de *métis* é, portanto, aquele que é capaz de enredar o seu adversário de tal forma que este não consiga escapar-lhe. Nestes casos assim descritos, aquele dotado de *métis* lembra a atuação mesma do caçador e do pescador. Lembra ainda a atuação mesma de dois animais cuja *métis* é admirada e admitida: o polvo e a raposa, embora haja muitos outros animais que podem ser apontados como portadores de extraordinária *métis*.

No que diz respeito à *métis* do tipo polvo, dois tipos de homens podem ser apontados como detentores deste tipo mesmo de *métis*: o sofista e o político. Neste passo, sobrepõem-se os planos da ação e da palavra. O sofista possui aquele domínio no campo da oratória, no campo da retórica que tece discursos que enredam os adversários; o político já trabalha no campo das aparências, pois ele precisa adaptar-se a diversas

situações, muitas vezes desconcertantes, inventar diferentes ardis para que sua ação torne-se o mais eficaz possível dentro de muitas e variadas circunstâncias.

Dotada de tantas e múltiplas características a *métis* possui capacidade variegada, como afirmam Marcel Détienne e Jean-Pierre Vernant em seu livro *Métis. As astúcias da inteligência*:

Pelos indícios e pelos comportamentos que a caracterizam, os domínios em que ela se exercita, os estratagemas que emprega, para inverter as regras do jogo na prova de força, a *métis* parece bem empregar toda a concepção que os gregos fizeram para si desse tipo particular de inteligência que, em lugar de contemplar as essências imutáveis, encontra-se diretamente implicado nas dificuldades da prática, com todas as suas probabilidades, confrontado com um universo de forças hostis, desorientadoras, porque são sempre móveis e ambíguas. [...]⁷

Como se pode perceber pelas linhas citadas acima, a *métis* é valorizada por ser múltipla, possuir muitas facetas, muitos disfarces, auxiliar aquele que se dispõe a utilizar-se de dispositivo assaz promissor em suas empreitadas, um dispositivo capaz de trazer não só vitórias para aqueles que bem sabem usá-lo mas também dotar estes mesmos homens capazes de usá-lo de maneiras variegadas de escapar de armadilhas impostas pelos inimigos. A *métis* só pode ser vencida pela *métis* ela mesma. Em outras palavras: para se vencer um ser dotado de *métis* apurada, quer seja este ser uma divindade, um mortal ou um animal tal como o polvo ou a raposa, a única forma de ser bem-sucedido neste tipo de desafio é apelar para os mesmos expedientes que aqueles dotados de extraordinária *métis* se utilizam. Em ocasiões nas quais e pelas quais o ato de relaxar, de baixar a guarda pode significar ser derrotado, perder o poder, aqueles seres dotados de *métis* conseguem perceber o “momento propício” para a “boa ação”; esta percepção mesma de aproveitamento do momento propício vale , por evidente que seja, para ambos os lados, e é exatamente neste ponto que a *métis* supera a *métis*.

Até o presente momento, *métis* foi o dispositivo utilizado por aquele que quer vencer, quer criar uma armadilha, quer escapar de uma escaramuça, dotado de força ou não (na maioria dos casos, cabe a segunda opção). A *métis* nestes casos auxilia também a conquistar o poder, pois para tanto muitas vezes é necessário o uso de

⁷ Détienne, Marcel; Vernant, J-P. *Métis. As astúcias da inteligência*. Trad. de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008, p. 50.

extraordinária *métis* para ascender os degraus do poder e da soberania. Na luta pelo poder, sempre há de ter o vencedor e o vencido. Aquele que foi derrotado deve se retirar, para quem sabe em uma nova oportunidade tentar superar o que outrora saiu vencedor; aquele que saiu vencedor tem a oportunidade de estabelecer nova ordem, criar novas regras, atribuir tarefas, delegar obrigações, criar leis, enfim, modelar a ordem a sua imagem e semelhança. Aí estão postos os preços a serem pagos por cada um daqueles que participaram da disputa.

Como *métis* está diretamente ligada à ideia de movimento ou à ideia de que, onde haja equilíbrio que esteja prestes a ser rompido ou que acabara de ser rompido, há espaço para sua atuação, *métis* intervém em conflitos de sucessão, lutas, combates, revoltas, disputas. É neste campo movediço que está o amplo espaço de atuação de *métis*, pois para vencer, os litigantes têm de provar sua astúcia, sua força, sua inteligência, seu espírito criativo e inventivo.

Aquele que é detentor da *métis* dificilmente poderá ser surpreendido. Em constante estado de vigilância, ele permanece atento à fluidez do momento. Aquele dotado de uma *métis* interior, tal como Zeus, não se deixa apanhar nem pelas redes da *métis* de alguém que detenha uma *métis* exterior apenas. Raras seriam as vezes em que isto poderia acontecer. Tudo aquilo que representa os usos e abusos da *métis* por parte de um mortal, redes, arapucas, laços, armadilhas, no plano divino terá uma contraparte semelhante, um vínculo mágico, inviolável, não sensível.

A *métis* é uma inteligência formada de astúcia, de artimanha, de engano; ela vislumbra as realidades imutáveis, mas está em disputa com outras realidades, aquelas que são múltiplas, fugidias, imprevisíveis, atua com tranquilidade em um mundo de constante mudança. O espírito dotado de *métis* é aquele opulento em expedientes, capaz de planejar e inventar sempre que haja necessidade. Não à toa, as águas marítimas são símbolos perfeitos para representar a *métis*, dado que esta é fugidia assim como aquelas.

No mundo grego, assim como na mitologia grega, é comum os mortais estarem associados a divindades, quer por terem características semelhantes, quer por fazerem parte da genealogia divina de alguma forma. Destarte, variada é a gama de heróis gregos que possuem como protetores alguma divindade olímpica. Normalmente, há uma associação, há uma relação, há uma característica singular que se destaca na divindade e se destaca nos protegidos mesmos destas divindades. Assim, Odisseus tem como característica a sua extraordinária *métis*. A deusa Atena também é

conhecida por sua *métis* singular. Nos textos homéricos, Odisseus tem como deusa protetora a deusa Atena. Atena é detentora da potência divina da técnica. Ao passo que Ares, seu irmão, é o deus da guerra propriamente dita, da guerra cruenta, Atena, embora também seja considerada uma deusa da guerra, ela é uma divindade da guerra carregada de estratégias, de planejamento. Sendo filha de Zeus com Métis, ela carrega consigo os dotes trazidos desde o berço da *métis* pura e apurada.

De acordo com a tradição grega, a *métis* está relacionada com as ideias de mobilidade e mudança; de fim atingido e de êxito obtido; uma inteligência de múltiplas facetas. Logo, diversas pessoas, diversas profissões e seus respectivos profissionais, diversas personagens tanto do mundo dos homens quanto do mundo das divindades podem ser referenciadas como seres portadores por excelência de extraordinária *métis*. Como já supracitado, no mundo dos deuses pode ser citada a deusa Atena e no mundo dos homens pode ser citado Odisseus. Mas e quanto às profissões? O profissional que melhor representa aquele ser dotado de uma *métis* singular é o piloto de navio, o timoneiro. Cabe a este profissional levar a bom termo não só o navio, mas também todos quantos dependem dele. Uma viagem através das águas do mar não é necessariamente uma viagem segura e este profissional tem o dom de perseguir as melhores rotas marítimas para completar com bom êxito sua viagem. A literatura grega tem por hábito fazer comparações entre o piloto de navio e o governante de uma cidade.⁸ Em ambos os casos, sob os cuidados de um mal timoneiro ou um mal governante, independentemente da boa ou da má sorte, tanto o navio quanto a cidade têm a tendência de colapsar, soçobrar.

Assim como na linha da vida, outra área de atuação propícia para as virtuosidades de *métis* é aquela de uma corrida. Esta possui três pontos carregados de perigos (isto é, no mínimo três): o ponto de partida é o primeiro, o ponto de virada é o segundo; o ponto de chegada é o terceiro. Novamente, num cenário como este da corrida, um condutor e um corredor necessitam de percepção aguçada, visão apurada, sagacidade, tudo que o detentor de boa *métis* possui para alcançar o objetivo almejado.

Em campos de atuação os mais diversos, pode-se perceber o quanto *métis* apresenta-se multicolorida, multifacetada, detentora de múltiplos usos. Uma audaz

⁸ Cf. Ésquilo. *Tragédias*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2009. Cf. Ésquilo. *Os sete contra Tebas*. Tradução do grego e prefácio de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2003.

auxiliar em diversificadas situações. Pode-se vislumbrar em campos de atuação tais como a governança de uma cidade, a pilotagem de um navio, a condução de um carro em uma corrida que a *métis* é imprescindível para alcançar-se o objetivo almejado. Muitas vezes não basta ser um homem bom para ser um bom governante; não basta ser um bom piloto para conduzir um navio; não basta ser um bom corredor ou condutor para ser vitorioso em uma corrida. *Métis* tem de estar presente. Em todos estes campos de atuação supracitados, o homem que está por realizar tais tarefas se for dotado de uma apurada *métis* tem grandes possibilidades de alcançar um bom termo. Entretanto, como não se pode deixar de perceber também que *métis* está diretamente associada ao logro, à mentira, portanto, associada a atitudes muitas vezes consideradas antiéticas, amorais. Exatamente por esta razão que *Ájax* apela para o bom senso dos juízes quando estes forem tecer seus julgamentos, pois aos olhos de *Ájax*, as ações de *Odisseus* são todas carregadas de falta de decoro moral e ético. O *Telamônida* só não consegue vislumbrar que as ações todas de *Odisseus*, muito embora carregadas do pejo da ação antiética, foram ações que na maioria das vezes trouxeram bons resultados, resultados favoráveis ao exército grego. Sendo assim, independentemente de serem ações pejadas de aspectos antiéticos, amorais, carregadas de mentiras, logros e enganos, as ações praticadas por *Odisseus* caíram no gosto dos juízes do julgamento das armas de *Aquiles*, dado que, para eles, a vitória sobre o exército troiano, a conquista dos tesouros da cidade de *Troia* e sua consequente destruição era o que se ambicionava.

3. Considerações finais

As armas de *Aquiles*, por seu alto grau de importância, não apenas por ser uma armadura de origem divina, forjada pelas mãos mesmas do deus *Hefesto*; não apenas por ser de *Aquiles*, grande guerreiro, grande herói grego, filho de deusa; estas armas mesmas deram origem a um intenso debate perpetrado por dois dos grandes heróis que se envolveram na Guerra de *Troia*. Não fossem tão importantes, estas armas com certeza não seriam disputadas por *Ájax* e por *Odisseus*. O primeiro representava a força bruta encarnada em um homem e o segundo representava a força da astúcia encarnada em um homem. Havia apenas estes guerreiros dignos de participarem de tal disputa? Não. No entanto, todos os demais, ao saberem que os litigantes seriam o *Telamônida* e o *Laercida*, deixaram de lado suas intenções de porem as mãos sobre tão apreciadas armas. Guerreiros tão importantes, tão detentores de honra havia. Deixaram de lado a ideia porque sabiam de antemão do valor guerreiro de cada um dos contendores pelas armas, sobretudo, sabiam de antemão que *Ájax* era praticamente

insuperável no que dizia respeito à força e seus argumentos durante a disputa discursiva seriam dignos de veracidade, assim como sabiam de antemão que Odisseus era imbatível no campo da astúcia e que na batalha discursiva ele superava a maioria dos gregos na planície troiana naquele momento.

Entre os deuses também havia na mitologia grega aquelas divindades cuja potência divina era indicativa ou da característica exibida por Ájax ou da característica exibida por Odisseus: Ares, o deus da guerra e Atena, a deusa da guerra, respectivamente. Uma diferença entre as duas divindades, no entanto, deve ser apontada: embora ambos os deuses sejam deuses da guerra, Ares é o deus da guerra no seu aspecto de carnificina, portanto mais voltado para a força bruta; já Atena é a deusa da guerra no seu aspecto de estratégia, portanto mais voltado para a força da astúcia.

No campo da associação, não há como escapar de uma associação que procure colocar Ájax como aquele que mais próximo está de Ares ao passo que Odisseus é aquele que mais próximo está de Atena. Não por acaso, Atena é a deusa protetora de Odisseus na maioria de suas aventuras. Não obstante Ájax apelar para a sua ascendência divina como um dos fatores que deveriam ser levados em conta no momento mesmo do julgamento de quem seria o guerreiro que mais merecia envergar as armas de Aquiles, e muito embora Odisseus também apelar para sua ascendência divina como contra-argumento ao discurso do Telamônida, este último pede para que os juízes não levem em consideração tal fator, dado que neste campo ambos os contendores possuem ascendência divina, o que de certa forma levaria a um equilíbrio e colocaria os juízes em aporia.

Neste passo, entram as características, os aspectos, as faces, enfim, todo um conjunto de qualidades correspondentes entre si que dizem respeito à *métis* (aqui traduzida como *astúcia*, mas que pode assumir tantas outras traduções e valores semânticos e significados). *Métis* também ela uma deusa, foi pretendida pelos deuses e, não foi à toa que o rei dos deuses, Zeus, desposou a deusa e logo após o casamento engoliu-a para que sua potência divina ficasse somada à da deusa, tornando-o detentor de toda a astúcia divina necessária. Zeus era conhecedor de um oráculo que dizia que a linhagem divina à qual ele pertencia tinha uma maldição a ela atrelada: um filho mais poderoso do que o pai estaria fadado a derrubar do trono o seu ocupante através do uso da força, ocupando assim o seu lugar e tornando-se detentor de todo o poder a ele (o trono) associado. Cabe ressaltar que o ocupante do trono é detentor do cetro, instrumento que, em uma assembleia, por exemplo, passa de mão em mão em sinal de

respeito à opinião de cada membro presente, cabendo a ele, o detentor do cetro, dar a última palavra.

A multifacetada *métis* está associada diretamente a diversas profissões, tais como a do piloto do navio, a do caçador, a do pescador, a do corredor, a do administrador de uma cidade, a de sofista. Todas estas ocupações têm suas demandas e estas demandas mesmas fazem com que a astúcia, a inteligência, a sagacidade, a capacidade de planejamento, enfim, as múltiplas faces de *métis* estejam presentes. O timoneiro que não se preocupa com a meta traçada corre o risco de deixar soçobrar a embarcação em alto-mar; assim como o caçador que não dispõe de perspicácia para montar uma armadilha, corre o risco de voltar para casa de mãos vazias e deixar os seus rebentos com fome; assim como o mal governante, aquele que não pode contar com a ajuda de *métis*, pode pôr a perder a governabilidade da cidade cuja administração foralhe confiada.

Assim, logo se pode ver que *métis* faz parte da vida das pessoas, é componente curricular do cotidiano não só de mortais, mas também de imortais. Uma pessoa dotada de *métis* ou pelo menos uma pessoa que *métis* esteja ao seu lado terá grande chance de se dar bem em suas atividades cotidianas tais como caçar, pescar, correr, administrar cidades, filosofar. Por outro lado, uma pessoa que não tenha *métis* ao seu lado ou que não seja dotada de *métis* terá muita dificuldade de se sobressair em sua jornada diária. O percurso traçado até o momento deixa claro que *métis* tem grande importância. Deixar de observar seus conselhos pode ser problemático. Para os antigos gregos, o que estava em questão, no entanto, eram os usos e abusos de *métis*, a ponto de haver o debate entre os contendores acerca das armas de Aquiles.

Para os gregos, *métis* não fora divinizada à toa. Havia um bom motivo para que a divinização ocorresse: a astúcia, a inteligência, a sagacidade, enfim, a perspicácia com a qual os mortais conseguiam resolver os problemas do dia a dia era uma situação imposta pelos deuses, pelo destino. Os deuses olímpicos também não passaram por terríveis provações impostas pelo destino? Assim, ser astuto fazia parte da condição humana, pois do contrário, a vida seria muito difícil, já que forças maléficas estavam constantemente testando a inteligência dos mortais, isto quando não eram os mortais mesmos que com suas decisões errôneas, com suas guerras, com sua ousadia não forcejavam os limites impostos pelo destino. Destarte, na disputa pelas armas de Aquiles, o vitorioso seria aquele que tivesse o melhor discurso, discurso defensor de suas características, das características da multifacetada *métis*, discurso que

comprovasse que seu papel, sua atuação pessoal naquilo que dizia respeito à vitória sobre os troianos, discurso que comprovasse que este guerreiro e não outro colaborara mais e melhor para com a conquista da cidade e a vitória na guerra, independente de este guerreiro ser Odisseus, apesar de este guerreiro ser Odisseus. Não à toa, valorosos guerreiros presentes na planície troiana aquando da disputa pelas armas de Aquiles não quiseram sequer propor os seus nomes para participar da disputa, já sabiam de antemão, por serem gregos, que a *astúcia* sobrepujaria a *força*, que Odisseus venceria Ajax, que Atena prevaleceria sobre Ares.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

4.1. FONTES

Ésquilo. (2009) Tragédias. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras.

_____. (2003) Os sete contra Tebas. Tradução do grego e prefácio de Donald Schüller. Porto Alegre: L&PM.

Homero. (2005) Ilíada. Trad. de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia.

_____. (2017) Ilíada. Trad. de Frederico Lourenço. Introdução e apêndices de Peter Jones. São Paulo: Companhia das Letras.

Ovídio. (2017) Metamorphoses. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34.

Sófocles. (2007) Ájax. Trad. de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva. *In*: Almeida, G. de.; Vieira, T. (2007) Três tragédias gregas. São Paulo: Perspectiva.

_____. (2008) Aias. Apresentação e tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Iluminuras.

LIVROS, ARTIGOS E DICIONÁRIOS

Bailly, A. (2000) Le grand dictionnaire grec français. Paris: Hachette.

Détienne, Marcel; Vernant, J-P. (2008) Métis. As astúcias da inteligência. Trad. de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus.

Pereira, I. S. J. (1990) Dicionário grego-português e português-grego. 8ª ed. Braga: A.I.

Vernant, Jean-Pierre. (1989) L'individu, la mort, l'amour. Paris: Gallimard.

